

MITOS DO DILÚVIO

Alaor Chaves

Em muitos lugares, o mito se repete

Em lugares diversos, repete-se um mito da remota antiguidade, que na sua diversidade contém alguns elementos comuns. Um dado dia, a humanidade é aniquilada por uma enchente que cobre tudo, até o topo das montanhas. Na sua diversidade, a enchente pode ser um acidente da natureza ou ato deliberado dos deuses, descontentes com o procedimento da raça humana que eles haviam criado. Na sua unidade, o mito inclui um herói que constrói um barco enorme e se salva, junto com sua mulher, com a qual repovoa o mundo. Na barca também coloca um casal de cada animal terrestre.

O mito do dilúvio, onde aparece, costuma vir associado ao mito da criação, que por sua vez é quase universal na cultura humana. Aqui também, dentro da diversidade, vemos elementos que, com surpreendente frequência, se repetem.

Na China e na Índia, isoladas do resto do mundo pelo oceano e pelos Himalaias, a mitologia é distinta; distinta entre si e das outras grandes mitologias. A mitologia hindu é registrada nos Vedas, até recentemente vistos como os mais antigos registros mitológicos: foram escritos no período 2000 – 1000 a.C. Na crença hindu, os Vedas foram escritos por Brahma, o deus supremo da trindade local: Brahma, deus da criação, Vishnu, deus da conservação, e Shiva, deusa da destruição. Brahma criou o mundo e os outros deuses, e no final tudo será absorvido por ele. Simples, e em nada antropomórfico.

A China, notável exceção, não produziu um mito da criação semelhante a qualquer outro. Os mitos existentes são muito recentes, em geral dos primeiros séculos antes da Era Cristã. Neles, a criação das coisas e da humanidade decorreu de elementos naturais como ar e energia, que por sua vez deram origem à dualidade dos opostos yang e yin, que expressam, respectivamente, o masculino e o feminino, o líquido e o sólido, e ainda outras metáforas para a virilidade e sua falta. Antes do aparecimento desses mitos, a China já tinha uma tradição de três longas dinastias, que começam com a dinastia Xia, em 2205 a.C., um milênio de história bem documentada e narrativas orais de reis lendários em uma era de ouro anterior à história documentada.

Mitos do dilúvio existem, na tradição oral, em dezenas de povos da África, nos aborígenes da Austrália e nos Maori da Nova Zelândia, em muitos

povos da Melanésia, em muitas dezenas de povos indígenas da América do Norte, da América Central e do Sul. Aparece também na Europa, principalmente nas regiões setentrionais.

Na Mesopotâmia, Egito, Grécia e Canaã, o mito do dilúvio tem elementos comuns muito sugestivos de que sejam baseados em tradições orais que percolaram a região por longo tempo antes de receberem registros escritos. Nesses locais, exceto em Canaã, os mitos de criação compartilham muitos elementos comuns. No início, talvez desde o sempre, houve a água primordial, que também era o caos, e nesse abismo havia uma divindade de origem ignorada que finalmente gerou um panteão de divindades imortais. Uma das divindades é a terra, outra é o céu, a terceira o ar, que inflou e separou o céu da terra – essa trindade aparece com frequência nessas mitologias. Compostos e estruturados esses três elementos, finalmente foi criada a humanidade e outros seres vivos, habitantes da terra. O panteão de deuses adicionados aos primordiais é muito diverso e quase todo gerado por via sexual.

Em Canaã, o povo hebreu teria vindo dois milênios antes de Cristo de Ur, no sul da Mesopotâmia, onde tinham sido pastores. Em Canaã, também eram pastores divididos em tribos. Uma vez, por volta de 600 a.C., foram levados como escravos à Mesopotâmia. Segundo a lenda hebraica, teriam antes sido escravizados no Egito, mas não há registros históricos ou arqueológicos dessa escravidão anterior.

Os hebreus escreveram a Bíblia, de longe o mais célebre dos livros sagrados, que deu origem ao judaísmo, ao cristianismo e ao islamismo. A época de escritura do Pentateuco, a parte hebraica da Bíblia, é incerta. Mais provavelmente, foi escrita por vários autores do século VII ao século V a.C. A mitologia do Pentateuco é única. O mundo teria sido criado do nada por Yahveh (ou Javé), o único deus verdadeiro. No sexto e último dia da criação, de argila Javé criou Adão, o primeiro homem, e com um sopro lhe deu vida.

No livro da Gênese, o primeiro livro da Pentateuco, vemos o mito do dilúvio, do qual Noé e sua família se salvam. Metade da população do mundo é cristã ou islâmica, o que dá ao mito da arca de Noé uma enorme projeção. O número de pessoas que acredita na verdade factual do dilúvio bíblico é enorme, e não poucos deles buscam incansavelmente provas da sua ocorrência.

Impossibilidade geológica de um dilúvio global

O dilúvio, na maioria dos seus mitos, foi global. No bíblico e em vários outros, as águas alcançaram elevação colossal. A arca de Noé teria ancorado, quando as águas estavam se abaixando, no Monte Ararat, e é nas Montanhas Ararat, na atual Turquia, que os caçadores da arca a procuram, desde o século 3 da Era Cristã. O pico mais alto dessas montanhas tem altitude de 5.137 m.

Outros mitos do dilúvio também mencionam elevações desmesuradas. No mito grego, a arca de Decalião, o Noé grego, encalha no Monte Parnaso, cuja altitude é 2.457 m. No dilúvio Inca, para que os humanos nunca esquecessem a punição recebida por sua perversidade, o deus criador Viracocha preservou um pouco da água, e com ela formou o lago de Titicaca, cuja altitude é 3.812 m. Esses dilúvios colossais são impossíveis por falta de água. Se todas as geleiras do planeta derretessem com o aquecimento global, os oceanos se elevariam 65 m, um pouco mais se levarmos em conta a dilatação da água com o aquecimento. Mas isso pouco importa aos criacionistas, pois seus deuses, se têm poder de criar coisas do nada, também podem fazê-las desaparecer, uma vez perdida a sua utilidade.

Conjecturas sobre a origem do mito do dilúvio

Cabe inicialmente apontar que grande parte dos mitos orais do dilúvio nas Américas, na África, na Oceania, na Melanésia e na Micronésia foi descoberta recentemente pelo “homem civilizado”. E que antes de ser contatados por cronistas, antropólogos e historiadores, nativos locais foram visitados por missionários cristãos. As narrativas bíblicas dos missionários podem muito bem ter-se incorporado a culturas locais como lendas das próprias tribos. O ser humano é um contador de histórias. Inventas-as, ou passa adiante as que ouve, com inevitáveis adornos e emendas. Em pouco tempo, uma lenda trazida a uma tribo pode ganhar uma composição própria e distinta da original, que se eterniza por ser amplamente compartilhada.

Os relatos que vemos dos mitos do dilúvio são contaminados pelo viés religioso da enorme maioria dos coletores desses mitos. Nas culturas da tradição judaico-cristã, o criacionismo é uma ciência com incontáveis praticantes, que interpretam literalmente os textos bíblicos. As transformações geológicas da Terra e principalmente a evolução dos seres vivos são grandes mentiras que eles dedicam-se a desmascarar. Por meio de uma busca na Amazon o leitor, se quiser, pode formar uma biblioteca de livros criacionistas.

Um livro criacionista recente é digno de menção: *Echoes of Ararat: a collection of over 300 flood legends from North and South America*. Master Books (2021). Escrito por Nick Liguori, membro da *Historical Faith Society*, que no livro anuncia um segundo volume.

Dentre os mitos do dilúvio da América do Norte, um cabe ser destacado pela sua originalidade. Segundo o povo Micmac, do leste do Canadá, o sol chorou inconsolavelmente de desilusão com a iniquidade humana, e suas lágrimas formaram chuvas que inundaram toda a terra. Salvaram-se um homem idoso e sua mulher, que eram puros, e eles repovoaram a terra.

Tanto na Mesopotâmia quanto ao norte da Turquia, pode ter havido eventos de grande inundação, capazes de ficar na cultura oral como mitos do dilúvio. O golfo pérsico, que ao sul limita a Mesopotâmia, estende-se mais ao

sul entre a Arábia e o Irã, cobrindo área de 450 mil km², com profundidade máxima de 90 metros. No fim de Última Era Glacial, que deu início ao Neolítico, o derretimento de geleiras elevou 120 m o nível dos oceanos. Em média, os oceanos elevaram-se um metro por século, mas essa elevação teve períodos mais rápidos, associados a picos de derretimento, em que os oceanos elevaram-se 2,5 metros ou mais por século. A enorme planície que formava o Golfo Pérsico era um solo de aluvião ainda mais fértil do que a Mesopotâmia, e provavelmente tinha população muito grande. O derretimento das geleiras que cobriam as montanhas de Zagros, no Irã, e de Taurus, na Turquia, podem ter gerado, na região do golfo, enormes inundações, que se gravaram na memória local com dramaticidade capaz de gerar lenda de um dilúvio.

O Mar Negro, com área de 436 mil km², cobre uma grande depressão elíptica que era em parte coberta por um mar doce alimentado pelos rios que até hoje desaguam na região – na verdade, mudanças geológicas desviaram alguns desses rios para o Mar do Norte. Segundo Ryan e colaboradores¹, o estreito de Bósforo, que une o Mar Negro ao Mar de Mármara – que por sua vez se liga ao Mediterrâneo pelo estreito de Dardanelos – era fechado por um istmo. Com a elevação dos oceanos e do Mediterrâneo, o istmo rompeu-se por volta de 5.600 a.C., causando uma súbita ampliação da área coberta pelo lago. Essas grandes baixadas geralmente foram locais densamente povoados, e esse cataclismo geológico pode muito bem ter dado origem a um mito de dilúvio.

Essa teoria é objeto de polêmica. Seus oponentes dizem que a inundação da depressão com água salgada foi um episódio muito lento. Já os apoiadores, dizem que ela gerou a migração de povos indo-europeus para o sul, e que os proto-sumérios seriam povos oriundos dessa migração. Os povos que criaram a civilização micênica na Grécia, cuja origem inda não é entendida, talvez sejam oriundos da região do Mar Negro. O passado é muitas vezes tão incerto quanto o futuro, e nesses casos as possibilidades são diversas.

O dilúvio da China teria ocorrido no início da dinastia Xia e durado pelo menos duas gerações. O herói da lenda foi Yu, o Grande, fundador da dinastia Xia. Enchentes colossais ocorreram nos rios Amarelo e Yangtzé, que mataram toda a população e os animais. O Imperador Yu recorreu a várias soluções, até que uma deu certo. Construiu grande número de canais de irrigação nos rios, e neles grandes barragens, com o que recuperou as lavouras, além de dar fim ao dilúvio.

Os rios Amarelo e Yangtzé causaram dezenas de enormes enchentes registradas historicamente, cada uma delas causadora de pelo menos um milhão de mortes, mas nenhuma se compara à descrita na lenda. Em 2016, Wu e colaboradores dizem ter descoberto um fenômeno natural capaz de ter causado tal tipo de enchente². Os dois grandes rios chineses, formados pelo degelo dos Himalaias, formam nos sopés das montanhas grandes represamentos espontâneos, que se rompem e provocam as grandes enchentes. Por volta de 1920 a.C., um terremoto teria rompido todas as

barragens naturais, liberando enorme quantidade de água e causando uma enchente sem outra igual.

Mitos mesopotâmicos do dilúvio

Os mais antigos registros escritos de um dilúvio ocorreram na Mesopotâmia, o berço da civilização e local onde a escrita foi inventada, talvez antes de 3.400 a.C. A Mesopotâmia, o primeiro local em que se desenvolveu a agricultura e a domesticação de animais, era uma planície privilegiada que atraiu gente de várias origens, e que criou uma sequência de reinos, e mais tarde impérios, a partir do quarto milênio a.C.

A matriz dessa sequência de impérios foi o Império Sumério, falante do sumério, uma língua sem raiz comum com nenhuma outra língua conhecida. Seu império tinha como capital Úruk, o primeiro grande centro urbano da história. Por volta de 2300 a.C., os sumérios foram conquistados pelos acádios, povo semita que criou o Império Acádio. Em 1900 a.C., os acádios foram conquistados pelos babilônios, também semitas, que fundaram o Império Babilônico, com sede em Babilônia.

Os babilônios, em 1600 a.C., foram conquistados pelos assírios, outra vez um povo semita, que criou o Império Assírio, ou simplesmente Assíria, no qual a mesopotâmia atingiu seu apogeu cultural, científico, técnico militar e geopolítico. Sua capital foi Assur, origem da palavra Assíria, e depois Nínive, ambas no extremo leste da alta Mesopotâmia. O último grande rei assírio foi Assurbanipal (c.690–627 a.C.), grande guerreiro e também um erudito que construiu em seu palácio uma enorme biblioteca onde tentou acumular todo o conhecimento da época.

Após sua morte, o Império Assírio entrou em decadência e passou a sofrer ataques de povos vizinhos. Os caldeus, um povo semita que vivia na baixa Mesopotâmia desde cerca de 1000 a.C. formou um reino sob a liderança de Nabopolassar e controlou a cidade da Babilônia, para a qual reivindicou autonomia da Assíria, o que não foi aceito. Em 612 a.C., Nínive e Assur foram saqueadas por uma coalisão de caldeus, persas, medos e citas. O rei caldeu Nabopolassar criou o Império Caldeu, ou Império Neobabilônico, e, já envelhecido, entregou sua administração ao seu filho Nabucodonosor II, que expandiu o império e, após a morte do pai, em 605 a.C., assumiu o trono.

Já antes de assumir o trono, Nabucodonosor foi incumbido de expulsar os egípcios da Síria, no que teve sucesso. Decidiu impor tributos sobre estados vizinhos. O reino de Judá, em Canaã, não aceitou e foi conquistado por Nabucodonosor, que trouxe os hebreus para viver em escravidão na Babilônia. A migração forçada ocorreu em duas levas, uma em 609 a.C. e a outra em 598 a.C. O povo hebreu só voltou para Canaã em 539 a.C., quando Ciro, O Grande, criador do Império Aquemênida (em 550 a.C.), conquistou Babilônia e os libertou. Durante sua presença em Babilônia, Ciro fez um número de

declarações que mandou registrar no hoje chamado Cilindro de Ciro, e que alguns iranianos apontam como a primeira declaração dos direitos do homem, desde a primeira opinião nesse sentido emitida pelo Xá Reza Pahlavi.

A destruição de Nínive e Assur pelos caldeus e aliados foi tão grande que por longo tempo não se soube onde essas e outras cidades ficavam. A civilização assíria estava morta! Ao queimar Nínive, os saqueadores involuntariamente preservaram a biblioteca do rei Assurbanipal, na qual, no século 19, foram encontradas mais de 20 mil tabuletas de argila com inscrições cuneiformes que hoje nos permitem entender grande parte da cultura e da história da antiga Mesopotâmia.

Com a queda da Assíria, instaurou-se então na mesopotâmia o Império Caldeu (ou Neobabilônico), que em 550 foi conquistado pelo persa Ciro, o Grande, que criou o Império Aquemênida, o maior do mundo antigo em população. Esse império foi conquistado em 331 a.C. por Alexandre, o Grande, e após a morte deste em 324 a.C. seu general Seleuco criou na região o Império Selêucida, de cultura grega.

A longa continuidade cultural da Mesopotâmia

Apesar de no período 3400–612 a.C. a Mesopotâmia ter sido dominada por diferentes povos de origens e línguas distintas, que formaram quatro impérios, alguns traços culturais importantes transcenderam os milênios, as línguas, os impérios e as etnias, formando uma continuidade cultural suficiente para hoje se falar em uma longa cultura, chamada simplesmente Assíria. A escrita cuneiforme, inventada pelos sumérios, foi elemento muito importante para essa continuidade. Os acádios, que conquistaram os sumérios, adotaram a sua escrita e lhe acrescentaram símbolos silábicos necessários para a fonética de sua língua, cuja raiz era inteiramente distinta. No processo, os escribas acádios tiveram de aprender sumério para decifrar o som silábico expresso por cada símbolo cuneiforme. Adquiriram com isso o hábito de produzir duplicatas (em sumério e acádio) das tabuletas.

Os escribas babilônicos e assírios, por sua vez, faziam duplicatas bilíngues de documentos muito importantes, em suas línguas e em acádio. Assim, o sumério e principalmente o acádio as foram línguas cultas da Assíria, assim como o latim foi a língua culta na Idade Média europeia. Por meio do acádio pode-se conhecer o sumério, assim como pelo latim – e também pelo árabe – pode-se conhecer o grego. As traduções, especialmente em duplicatas bilíngues, foram o principal instrumento para a decifração de línguas mortas, e também da sua forma de escrita.

De longe o maior exemplo desse papel das traduções em duplicata é a Pedra de Roseta. Seu conteúdo é irrelevante, grava um decreto de sacerdotes que estabelece o culto do faraó Ptolomeu V no primeiro aniversário da sua coroação, em 196 a.C. Como a instrução teria de ser sabida por todos, ela foi gravada em uma estela de granito em três línguas e três formas de escrita: o

hieroglífico do Egito antigo, o demótico, escrita do egípcio tardio, e o grego antigo, no alfabeto grego.

Vários textos assírios, registrados em cuneiforme em tabuletas de argila, estão duplicados em hieroglífico ou em grego, dentre eles a célebre Epopeia de Gilgámesh, da qual falaremos mais adiante, que foi encontrada também em hieróglifo na biblioteca do pai de Tutancâmon. Com isso, as línguas da Assíria são hoje satisfatoriamente bem conhecidas. O domínio dessas línguas é às vezes notável. Miguel Civil (1926–2019) assiriólogo estadunidense nascido na Espanha, que fez carreira principalmente no *University of Chicago Oriental Institute*, foi apontado por seu colega Christopher Woods como a pessoa que melhor conhecia o sumério desde que essa língua deixou de ser falada quatro mil anos atrás.

Mitos mesopotâmicos do dilúvio

Na Mesopotâmia são encontrados os mais antigos registros escritos de mitos do dilúvio. Eles se distinguem da narrativa bíblica do dilúvio e de Noé por mais de um milênio de precedência e sua altíssima qualidade poética. A Lista dos Reis Sumérios, antiga composição literária suméria, divide a sucessão dos reis em “antes e depois do dilúvio”. A versão mais antiga da lista data de c.2112–2004 a.C. Em muitas tabuletas com inscrições literárias antigas, o dilúvio aparece como parte do texto, fato sugestivo de que ele compunha uma tradição oral ainda mais antiga fortemente impressa na mente das pessoas.

A mais célebre descrição do mito do dilúvio encontra-se na Epopeia de Gilgámesh, longo poema registrado em doze tabuletas encontradas na Biblioteca de Assurbanipal. A autoria do poema é atribuída ao sábio Sin-léqi-unnínni, que lhe deu o título *sa naq̄ha imuru*, que Jacyntho Linz Brandão, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, traduziu como Ele que o abismo viu³.

O longo poema, com mais de 3.600 versos em acádio, cuja composição quase completa foi editada em 2014 pelo assiriólogo inglês Andrew Jorge com base no estudo de todos os seus fragmentos já encontrados, é obra da mais fina literatura. A crítica o aclama como a melhor composição literária anterior a Homero, e o coloca no nível da *Ilíada* e da *Odisseia*. A epopeia narra a história de Gilgámesh, apresentado como o quinto rei de Úruk depois do dilúvio. Depois de muitos feitos heroicos – cabe apontar que às vezes também perversos –, Gilgámesh toma consciência de que seu fim inevitável será a morte, e parte em viagem na busca do dom da imortalidade. Finalmente encontra quem buscava, Uta-napíshti, o herói que escapara do dilúvio por ter construído um barco segundo instruções do deus Ea – cujo nome na Suméria era Enki –, e por isso recebera dos deuses o dom da imortalidade. Uta-napíshti expõe-lhe toda a sua aventura, e também explica que a imortalidade lhe fora concedida por razões

muito singulares, e que o favor não seria concedido a outro ser humano. Gilgámesh volta para casa, muito sabendo, mas sem alcançar o que pretendia.

George Smith, o estudioso inglês que primeiro decifrou e traduziu parte da Epopeia, apontou sua grande similaridade com a narrativa bíblica do dilúvio, contida no livro da Gênesis, o primeiro do Pentateuco. Assim, um dos mitos teria se inspirado no outro, ou ambos se baseariam em um texto ou tradição oral da região, mais antiga. Como o dilúvio bíblico é matéria de fé religiosa, o esclarecimento do problema ganhou importância incomum. E o problema não é trivial porque não é fácil datar os escritos bíblicos com precisão. Há importante consenso dentre os estudiosos de que o Pentateuco foi escrito por vários autores no período 650–400 a.C, e Gênesis não foi o primeiro livro escrito. Isso poderia ser bastante para dar fim à discussão, mas ela persistiu até recentemente. Há um limite inquestionável para a idade do Pentateuco. Como ele está escrito em símbolos alfabéticos, não pode ser anterior à invenção do alfabeto, e o mais antigo alfabeto conhecido é o abjad fenício, inventado no século XII a.C.

Os primeiros escritos mesopotâmicos sobre o dilúvio começaram a aparecer muito antes da invenção do alfabeto. A Figura 1, foto de uma tabuleta descoberta em Nippur, datada de 1.700–1.600 a.C., hoje pertencente ao University Museum de Filadélfia, é um exemplo antigo desses escritos.



Figura 1 – Tabuleta com inscrições sobre o dilúvio, escrita em sumério, datada de 1700–1600 a.C. Crédito da foto: University Museum of Philadelphia, <https://www.penn.museum/collections/object/97591>

Dois terços da tabuleta foram destruídos, mas o que sobrou conta boa parte da história. Por razão ignorada, os grandes deuses decidem destruir a humanidade. O deus Enki avisa o rei Ziusudra e instrui-o a salvar-se construindo uma barca. A inscrição foi decifrada por Miguel Civil, o grande

conhecedor de sumério do mundo contemporâneo. Pelos termos usados na composição, Civil opina que a obra baseia-se em outra anterior, provavelmente da Babilônia. O dilúvio dura sete dias e sete noites, e no final Ziusudra desce do barco e oferece sacrifícios. Os deuses lhe concedem vida eterna.

Não se sabe que outros humanos se salvaram junto com o herói, mas os versos seguintes demonstram que ele salvou animais e pelo menos uma mulher:

*Então, porque o rei Ziusudra
Tinha salvaguardado os animais e a semente da humanidade,
Eles o instalaram em uma terra além do mar, na terra de Dilmun,
Onde o sol se levanta.*

A palavra Ziusudra, em sumério, significa *Ele-de-vida-longa*. O nome do herói do dilúvio na Epopeia de Gilgámesh, Utnapishti, em acádio, significa quase a mesma coisa. Isso sugere fortemente que uma tradição oral – provavelmente também escrita em tabuletas que não foram encontradas – liga os dois mitos.

Epopeia de Atrahasis

Essa epopeia, escrita em acádio em três tabuletas, é um dos mais singulares mitos mesopotâmicos. A história, que inclui um dilúvio, começa com um conflito trabalhista. Não um conflito entre homens, mas entre deuses. O homem ainda não havia sido criado, e os deuses jovens tinham de fazer todo o trabalho, que era duro, como expõem os versos:

*Quando os deuses, em vez dos homens,
Faziam o trabalho, cansados com as cargas.
Pesadas demais eram as tarefas,
Pesado demais o trabalho, demasiados os problemas,
[...]
Eles contavam os anos de carga.
Por 3.600 anos os aborreceram os excessos,
Trabalho duro, noite e dia,
Eles gemiam, culpavam uns aos outros,
Resmungavam em cima dos montes de solo escavado.*

Eis, pois, o primeiro caso de trabalho escravo não foi imposto por homens, e sim por deuses. Os deuses exaustos rebelam-se, destroem até mesmo suas ferramentas. Os grandes deuses reconhecem que o descontentamento é justificado e decidem criar o homem para realizar os trabalhos. Chamam Nintu, a deusa do parto, e a incumbem da tarefa, mas ela

diz que não pode fazer isso sozinha. O poderoso Enki anuncia que o deus We-ilu será executado para viabilizar a criação do homem. O texto não informa se We-ilu é um dos jovens deuses rebeldes, mas isso é bem possível. A criação humana é descrita nos versos:

*Que aquele deus seja executado,
Para que todos os deuses sejam purificados por imersão.
Que Nintu misture argila com a carne e o sangue,
Que deus e homem sejam totalmente misturados na argila,
Para que ouçamos um batido de coração para sempre.
Que nele haja espírito da carne do deus.*

Há um simbolismo nesses versos que merece menção. O homem é feito da carne e do sangue do deus We-ilu, misturados com argila. O espírito do homem vem da carne divina e sua natureza não divina vem da argila. Mas, talvez por trazer o espírito de We-ilu, o ser humano é imortal. Para agravar o problema, reproduz-se com excessivo entusiasmo. A população humana cresce tanto que seu alvoroço incomoda o deus Enlil, que não consegue dormir, como expõem os versos:

*O ruído da humanidade tornou-se intenso demais para mim,
Com o seu alvoroço fico privado do sono.*

Enlil decide dizimar a humanidade pela fome, mas Enki intervém e contém sua animosidade. Enlil cede, mas finalmente anuncia que extinguirá o homem com um dilúvio. Enki instrui Atrahasis a construir um barco e com ele se salvar. Os deuses ficam satisfeitos com a intervenção de Enki e o desempenho de Atrahasis. Concedem a este, e à sua família, a imortalidade, mas seus descendentes seriam mortais.

A Epopeia de Atrahasis aparece em várias tabuletas, ou fragmentos, com as variações típicas do caso. A mais famosa delas, que contém os versos aqui citados, foi escrita pelo escriba *Apiq-Aya*, que viveu na cidade de Sipar, na baixa Mesopotâmia. Teve o cuidado de assinar o nome e registrar a data da escrita, que corresponde ao ano 1635 ou 1636 a.C.

A arca, instruída em detalhes

Grandes fatos futuros, na Mesopotâmia, não eram tão imprevisíveis como hoje. Presságios costumavam anunciar o futuro, e era importante estar atento a eles. Grande número de registros em tabuletas refere-se a presságios, às vezes codificados em eventos naturais pouco comuns. Os maiores presságios eram anunciados pelos próprios deuses. Suas mentes eram pouco previsíveis. No caso de Javé, essa instabilidade mental é magnificamente

descrita por Jack Miles no livro *Deus, uma biografia*⁴. Javé, mesmo onisciente, criou o mundo e só ao longo do tempo foi aprendendo a lidar com ele, principalmente com os seres humanos. Se isso ocorre quando há só um Deus onipotente, imagine quando há muitos, que disputam entre si seus poderes limitados.

Na Mesopotâmia, assim como em todo o mundo fora de Canaã, os deuses tentavam antever o futuro examinando os planos dos outros, e nem sempre concordavam com o que estava por acontecer. Tinham interesses no destino dos humanos e o hábito de adverti-los de eventos futuros adversos. Na Mesopotâmia, os sonhos eram o veículo preferido dos deuses para informar os humanos do que estava por acontecer. E os humanos tinham de se esforçar para entender o significado dos sonhos.

Nem sempre os humanos entendiam o que os deuses lhes diziam nos sonhos. Nesses casos, os deuses recorriam às paredes e aos muros, que teriam capacidade de comunicar aos humanos as suas mensagens. Muitos textos mesopotâmicos sobre o dilúvio – pelo menos cinco, registrados em tabuletas encontradas – contêm um verso do tipo

Parede, parede! Cerca de cana, cerca de cana!

Segundo Irving Finkel, curador da coleção de escritos cuneiformes do Museu Britânico, ao ver esse verso em uma tabuleta, mesmo um estudante do primeiro ano de assiriologia sabe ter em mãos uma importante mensagem de um deus a um humano, com aviso de um dilúvio e instruções de como agir.

Foi exatamente uma dessas tabuletas que Douglas Simmonds, herdeiro do pai de uma coleção de objetos orientais antigos, em 1985 levou ao Museu Britânico. Na verdade, era uma parte, mais da metade da tabuleta. Nela pode-se ler:

Parede, parede! Cerca de cana, cerca de cana!
Atra-hasis, preste atenção ao meu conselho,
Para que você possa viver para sempre!
Destrói sua casa, constrói um barco;
Abre mão de propriedades e salve a vida.

Cioso do valor da sua preciosidade, Simmonds recusou-se a deixar a tabuleta no Museu para que a decifrassem melhor. Em 2009 Irving Finkel convenceu Simmonds a conceder a tabuleta por empréstimo. A outra parte da tabuleta estava em um museu em Genebra, e os dois fragmentos se encaixaram perfeitamente, formando um retângulo do tamanho de um celular, com inscrições cuneiformes na frente e no verso. O texto, em acádio, foi escrito em 1900–1700 a.C., o que se pode deduzir pelos detalhes da linguagem. Foto da tabuleta é mostrada na Figura 2.



Figura 2 – Tabuleta escrita em 1900–1700 a.C., na qual o deus acádio Ea instrui o herói Atrahasis sobre como construir um enorme barco redondo para salvar-se do dilúvio. Crédito da foto: Jill Lawless, AP
<https://www.ctvnews.ca/world/4-000-year-old-stone-tablet-describes-round-ark-1.1655473>

Seu conteúdo é um dos mais fantásticos: o deus Ea (o Enki dos acádios) instrui em detalhes como Atrahasis deveria construir o barco. Sua forma é circular, com 3600 m² de área – 67,7 m de diâmetro – e 6 m de altura. Todo o material é especificado. O esqueleto da barca é de madeira, as paredes de tecido de bambu. Tudo deve ser amarrado com cordas de fibra de palmeira e a impermeabilização deve ser feita com betumem. A quantidade de cada material é descrita. Atra-hasis, em acádio, significa extremamente-sábio.

Barcos redondos são usados nos rios Tigre e Eufrates e em vários outros lugares desde a remota antiguidade. A forma é a ideal se a intenção principal é flutuar, pois dá muito mais estabilidade do que a dos barcos e navios usuais. E é também a mais resistente e mais econômica em material de construção.

Finkel decidiu construir a sua versão da barca, seguindo precisamente as instruções de Ea. Não na dimensão do barco de Atrahasis, mas em escala reduzida. Montou uma pequena equipe e foi com ela para a Índia, onde todo o material está disponível a baixo custo. A barca flutuou com ótima estabilidade e a vedação funcionou com perfeição. Uma foto da sua barca é exibida na Figura 3.



Figura 3 – Versão reduzida do barco de Atrahasis, construída por Irving Finkel seguindo as instruções do deus Ea. Crédito da foto: *Telegraph India* <https://www.telegraphindia.com/7-days/the-ark-that-finkel-built/cid/1669418>.

Essas histórias são contadas por Finkel⁵ em um livro cheio de humor e conhecimento sobre a antiga Mesopotâmia e seus escritos. Para não deixar dúvidas sobre sua visão sobre o dilúvio, Finkel afirma estar 107% certo de que o dilúvio nunca ocorreu. Mas sua lenda era contada na Mesopotâmia mais de um milênio antes de aparecer no livro da Gênese.

Referências

- 1) W. B. F. Ryan e 8 coautores. *An abrupt drawing of the Black Sea shelf*, *Marine Geology*, Vol. 138, 119-126 (1997).
- 2) Qinglong Wu e 7 coautores. *Outburst flood at 1920 BCE supports historicity of Chinese Great Flood at the Xia dynasty*. *Science*, Vol. 353, no. 6299, 579-582 (2016).
- 3) *Ele que o abismo viu: Epopeia de Gilgámesh*. Tradução do acádio de Jacyntho Linz Brandão. Editora Grupo Autêntica (2017).
- 4) Jack Miles. *Deus, uma biografia*. Tradução de José Rubens Siqueira do original *God, a biography* (1995). Companhia de Bolso 2009)
- 5) Irving Finkel. *The ark before Noah – Decoding the story of the flood*. Anchor Books (2015).